Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

CAMINHOS EM RUÍNAS: TRANSFORMAÇÕES DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E DA NATUREZA DA REGIÃO METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS

PATHS IN RUINS: TRANSFORMATIONS OF INDUSTRIAL HERITAGE AND NATURE IN THE METROPOLITAN REGION OF FLORIANÓPOLIS

CAMINOS EN RUINAS: TRANSFORMACIONES DEL PATRIMONIO INDUSTRIAL Y DE LA NATURALEZA EN LA REGIÓN METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS

Shayda Cazaubon Peres
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Resumo

Este artigo relata uma prática teórica e poética fundamentada no caminhar na arte contemporânea. O objetivo é explorar a interseção entre memória cultural, preservação e ruínas de patrimônios industriais da Região Metropolitana de Florianópolis. O estudo compara a Trilha dos Naufragados, em Florianópolis, e a Trilha da Praia do Cedro, em Palhoça. Também se realiza uma aproximação poética entre menires pré-históricos e ruínas contemporâneas. As teorias de Francesco Careri (2013) e John Ruskin (2008) são utilizadas no intuito de analisar as transformações das paisagens naturais e culturais, considerando a preservação ou a ausência dela. O caminhar é visto como uma forma de resistência contemporânea, permitindo uma vivência das mudanças na paisagem e identidade cultural. Destaca-se, assim, a importância da memória coletiva histórica e a preservação do patrimônio industrial, não apenas em suas estruturas materiais, mas também em narrativas e saberes que carregam, bem como os desafios contemporâneos para sua conservação e reutilização.

Palavras-chave: Caminhar. Menires. Região Metropolitana de Florianópolis.

Abstract

This article presents a theoretical and poetic practice based on walking in contemporary art. The aim is to explore the intersection between cultural memory, preservation, and ruins of industrial heritage in Florianópolis Metropolitan Region, Brazil. The study compares the Naufragados Trail in Florianópolis and the Cedro Beach Trail in Palhoça. It also offers a poetic approach between prehistoric menhirs and contemporary ruins. The theories of Francesco Careri (2013) and John Ruskin

CAZAUBON PERES, Shayda. CAMINHOS EM RUÍNAS: TRANSFORMAÇÕES DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E DA NATUREZA DA REGIÃO METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-17, Mês, Ano.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

(2008) are used to analyze the transformations of natural and cultural landscapes, considering their preservation or lack thereof. Walking is seen as a form of contemporary resistance, allowing an experience of the changes in landscape and cultural identity. In this way, the importance of historical collective memory and the preservation of industrial heritage is emphasized, not only in its material structures, but also in the narratives and knowledge they carry, as well as the contemporary challenges for their conservation and reuse.

Keywords: Walking. Menhirs. Metropolitan Region of Florianópolis.

Resumen

Este artículo da cuenta de una práctica teórica y poética basada en el acto de caminar en el arte contemporáneo. Su objetivo es explorar la intersección entre la memoria cultural, la preservación y las ruinas del patrimonio industrial en la Región Metropolitana de Florianópolis. Este estudio compara la Trilha dos Naufragados, en Florianópolis, y la Trilha da Praia do Cedro, en Palhoça. Hay también una aproximación poética entre los menhires prehistóricos y las ruinas contemporáneas. Se utilizan las teorías de Francesco Careri (2013) y John Ruskin (2008) para analizar las transformaciones de los paisajes naturales y culturales, considerando su conservación o no. El acto de caminar es visto como una forma de resistencia contemporánea que permite una experiencia de cambios en el paisaje y la identidad cultural. Esto resalta la importancia de la memoria histórica colectiva y la preservación del patrimonio industrial, no sólo en sus estructuras materiales, sino también en las narrativas y conocimientos que trae consigo, así como los desafíos contemporáneos para su conservación y reutilización.

Palabras clave: Caminar. Menhires. Región Metropolitana de Florianópolis.

Considerações iniciais

A proposta deste artigo é uma reflexão teórico-prática sobre as ruínas industriais em dois percursos da Região Metropolitana de Florianópolis. Por meio da experiência do deslocamento e da investigação do caminhar como método, realizei, em paralelo, uma aproximação poética entre os conceitos de menires pré-históricos[1] e ruínas contemporâneas, o que possibilitou uma maior investigação e aproximação entre os vestígios da cultura industrial e as transformações das

[1] 'Menir', do bretão '*menhir*', de '*men*' (pedra) e '*hir*' (comprida). Trata-se de um monumento megalítico, pré-histórico, o qual foi cravado verticalmente na terra.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

paisagens naturais, compreendendo as ruínas não apenas como estruturas físicas, mas como elementos carregados de significados históricos, sociais e culturais. Nesse contexto, parti do princípio de que o menir representaria o início da noção de “lugar”, enquanto a ruína integrada – total ou parcial – à natureza representaria a dissolução de fronteiras entre “edificações industriais” e “natureza”. Destacam-se as mudanças desses espaços ao longo do tempo, sua inserção no meio ambiente e as informações obtidas, ou mesmo a ausência delas, sobre a história de cada ruína encontrada.

Pensar a prática do caminhar enquanto método de investigação é algo que proporciona uma abordagem sensível e imersiva sobre as ruínas e os antigos locais de trabalho – com frequência negligenciados ou esquecidos. Através desse olhar, resta imaginar como foram as vivências das comunidades e os deslocamentos que ali aconteciam, levando-se em consideração tanto o patrimônio material (como a importância das fábricas e os sistemas de transporte dos materiais ali produzidos) quanto o patrimônio imaterial, referindo-se às memórias e histórias coletivas da comunidade que ali se estabeleceu. Além disso, refleti sobre a falta de interesse e a ausência de políticas públicas eficazes para garantir que as histórias locais sejam preservadas e compartilhadas, como o uso de placas informativas que contenham as histórias das ruínas visitadas.

Ao longo do artigo, desenvolvo três seções: Na primeira, exploro a noção de “meio” como ponto de partida poético e metodológico, refletindo sobre os atravessamentos entre corpo, espaço e memória nas práticas de caminhar. Em seguida, apresento as experiências realizadas em dois percursos distintos, a Trilha dos Naufragados, em Florianópolis, e a Trilha da Praia do Cedro, em Palhoça, analisando os vestígios encontrados e os contrastes entre os dois territórios. Por fim, com base nas contribuições teóricas de Francesco Careri (2013), que propõe o caminhar como prática estética, e de John Ruskin (2008), que valoriza as marcas do tempo nas ruínas, discuto os sentidos atribuídos às ruínas industriais como parte das paisagens culturais em constante transformação, problematizando os desafios contemporâneos de sua preservação, apagamento e reintegração à natureza.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

O “meio” como ponto de partida

A escolha do método de investigação dá-se a partir das experiências e investigações poéticas e teóricas, da noção do caminhar como “*meio*” para explorar procedimentos dentro da arte contemporânea, o qual se estende, neste momento, para a investigação das ruínas industriais encontradas e dos seus impactos históricos, investigados posteriormente. Faço uso da licença poética de “*meio*” como um lugar e uma força de partida transformadora, que fica suspensa no “*entre*” das experiências e dos movimentos em si, expressando a interação entre o corpo e o espaço. A partir disso, também reflito de maneira poética sobre uma linha de fronteira tênue que separa – mas também aproxima – conceitos que, por vezes, são extremos e opostos um ao outro, como: permanência e impermanência; caminhar e parar; memória e esquecimento; direção e deriva; teoria e prática; preservação e apagamento; menir e ruína; patrimônio material e patrimônio imaterial; entre outros.

Compreendo que a paisagem é sempre modificada pela experiência genuína e desviatória do caminhar. É mediante essa prática, acrescentando-se nossa bagagem pessoal, que passamos a atribuir significado ao território por onde atravessamos, especialmente quando não há indícios claros de sua história original, como aconteceu durante essa experiência. Assim, meu encontro com os fragmentos de ruínas, os quais, durante a caminhada, pareciam em parte desconectados, fez com que eu os imaginasse como menires, símbolos primordiais de ocupação e significado no território que, mesmo em sua degradação, funcionam como pontos de resistência e memória, estabelecendo uma continuidade histórica e um diálogo entre o passado e o presente. Esses “menires contemporâneos” estabelecem uma presença que persiste em meio ao apagamento cultural, sinalizando tanto um início quanto um “*meio*” que ficou pelo caminho.

Questiono-me, então, se essas ruínas industriais representam o encerramento de um ciclo que, se não for preservado adequadamente, poderá perder-se no tempo. Ou será que, ao longo das transformações contínuas, tais ruínas vão se fundir completamente à natureza, tornando-se ocultas dentre a

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

vegetação? E assim, as mesmas ruínas sinalizariam um término simbólico, apagando a fronteira entre o urbano e a natureza?

Percursos à deriva: re(descoberta) de ruínas

Na fase estrutural do artigo, isto é, de sua pré-produção, pensei em delimitar de antemão trilhas já conhecidas, as quais eu percorreria novamente investigando apenas os vestígios de ruínas. E assim o fiz em relação à primeira, na cidade de Florianópolis, a chamada Trilha dos Naufragados, uma área que faz parte da reserva do Parque Estadual do Tabuleiro, localizada no extremo sul da Ilha de Santa Catarina (Figura 1), a 40 km do centro da cidade. A trilha possui aproximadamente 7 km entre ida e volta e segue em direção à Praia dos Naufragados, onde a paisagem natural mistura-se com os vestígios de ruínas industriais.

Figura 1 – Trilha dos Naufragados



Fonte: Recorte de imagem realizada no Google Earth (2024).

A caminhada, que se completou aproximadamente em 2 horas e 30 minutos, incluiu diversas paradas para uma investigação detalhada das ruínas e outras edificações presentes ao longo da trilha. O percurso atravessa diferentes paisagens que ilustram a transição entre o espaço urbano e o natural. Inicialmente,

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

o caminho é rodeado por residências, mas, conforme o caminhante avança, as construções dão lugar a riachos, cachoeiras e uma mata preservada, com o trajeto da trilha claramente sinalizado. Foi aproximadamente no meio do percurso que encontrei os primeiros fragmentos de ruínas, parcialmente ocultos em uma via secundária.

A fusão entre a natureza e essas ruínas é quase total, conforme ilustram as imagens a seguir (Figuras 2 e 3). Os fragmentos de edificações industriais, despercebidos frequentemente por aqueles que percorrem a trilha de forma apressada, estão discretamente situados fora do caminho principal, camuflados pela vegetação. Esses vestígios, integrados ao ambiente natural, funcionam quase como “menires contemporâneos”, marcos silenciosos que apontam para histórias e transformações, estabelecendo conexões entre o passado remoto e o presente em constante transformação. No final da trilha, a presença de edificações se faz notar outra vez, com o crescimento urbano retomando seu curso, acompanhado pela instalação de novas construções voltadas para o turismo, tais como casas, bares, restaurantes e áreas de *camping*.

Figuras 2 e 3 – Trilha dos Naufragados



Fonte: Acervo pessoal.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Ao retornar para casa e investigar a história da trilha percorrida, descobri que, embora a Praia dos Naufragados tenha sido explorada por via marítima durante muitos anos, devido à presença do Forte de Naufragados (construído entre 1909 e 1912), a trilha passou a servir para a construção dos Engenhos da Cachoeira e do Coronel Fabriciano, as quais, em meados do século XVIII, produziam farinha de mandioca e açúcar. Assim, os vestígios encontrados ao longo da caminhada estão diretamente ligados à referida estrutura.

Em entrevista concedida ao portal ND Mais (Portal de Notícias de Santa Catarina e do Brasil), o historiador Rodrigo Rosa, da Fundação Catarinense de Cultura, explica que os engenhos de farinha podem ser considerados o primeiro processo industrial no Brasil e, especificamente, em Santa Catarina, representaram a principal atividade industrial até meados do século XX. O pesquisador também afirma que, atualmente, o reconhecimento dos engenhos como patrimônio histórico-cultural de Santa Catarina está em andamento. Os engenhos foram responsáveis pelas primeiras aberturas na floresta, criando o caminho principal, o qual ainda conecta a zona urbana à rural, e conduz, por fim, à Praia dos Naufragados. Além disso, durante as pesquisas posteriores, descobri que as paredes dos engenhos foram erguidas e assentadas a partir da mistura de pedras, óleo de baleia e conchas, técnica comum naquela época.

Em relação à segunda trilha explorada, houve um pequeno desvio do plano inicial. Alguns dias antes da caminhada pela segunda trilha, realizei outra caminhada em Palhoça, também na Região Metropolitana de Florianópolis, sem a intenção de investigar ruínas ou realizar um estudo acadêmico. No entanto, atraída pela paisagem, decidi avançar pela trilha e investigar o novo território. A trilha era completamente desconhecida para mim e, ao longo do percurso, fui surpreendida pela presença de diversas ruínas, algumas de construções antigas e outras edificações mais recentes, o que revelou o impacto contínuo da atividade humana sobre a paisagem.

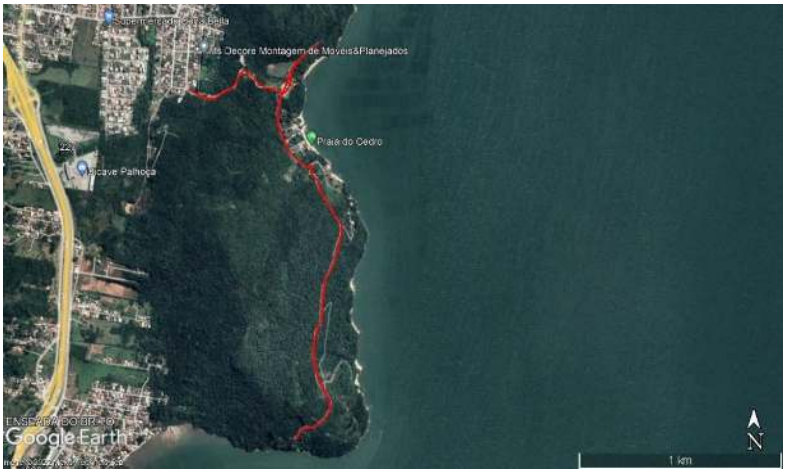
Essa experiência proporcionou uma contraposição entre o espaço conhecido, revisitado, e o território desconhecido, permitindo um “devir errático” e, ao acaso, a descoberta de novos vestígios. A trilha foi iniciada na Praia de Fora Marisqueira e finalizada na Praia do Cedro (Figura 4), com cerca de 5 km de

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

extensão, totalizando cerca de 2 horas, e também revelou vestígios de ruínas industriais.

Figura 4 – Trilha da Praia do Cedro



Fonte: Recorte de imagem realizada no Google Earth (2024).

Os primeiros vestígios que foram encontrados consistem em um extenso paredão de pedras (Figura 5), aparentemente antigo, situado em um ponto elevado do morro, com vista para o mar. Foi necessário, para alcançar esse local, seguir pela trilha em direção à área mais alta do morro, onde a presença dessas estruturas sugere práticas e construções possivelmente vinculadas a atividades industriais antigas.

Figura 5 – Trilha da Praia do Cedro



Fonte: Acervo pessoal.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Decidi seguir, então, costeando essa imensa parede rochosa e, durante a caminhada, encontrei outros fragmentos de ruínas industriais, como diversas escadas. Algumas delas terminavam em áreas de mata densa e inacessível, enquanto outras conduziam a espaços mais abertos, sugerindo a existência de trilhas secundárias que davam acesso a diferentes áreas e cômodos das edificações (Figuras 6 e 7). Foi possível perceber como as edificações haviam sido projetadas para se adaptar ao terreno e, possivelmente, as mesmas técnicas aplicadas na Trilha dos Naufragados.

Figuras 6 e 7 – Trilha da Praia do Cedro



Fonte: Acervo pessoal.

No entanto, a maioria das escadas encontradas ao longo do trajeto estava bloqueada por cercas de arame farpado, dificultando o acesso às diferentes seções do caminho. Uma das cercas, visivelmente deslocada, indicava que ainda havia passagem de transeuntes, mesmo em uma área aparentemente demarcada como privada, o que sugeria uma interação contínua entre os humanos e o local, apesar das restrições impostas.

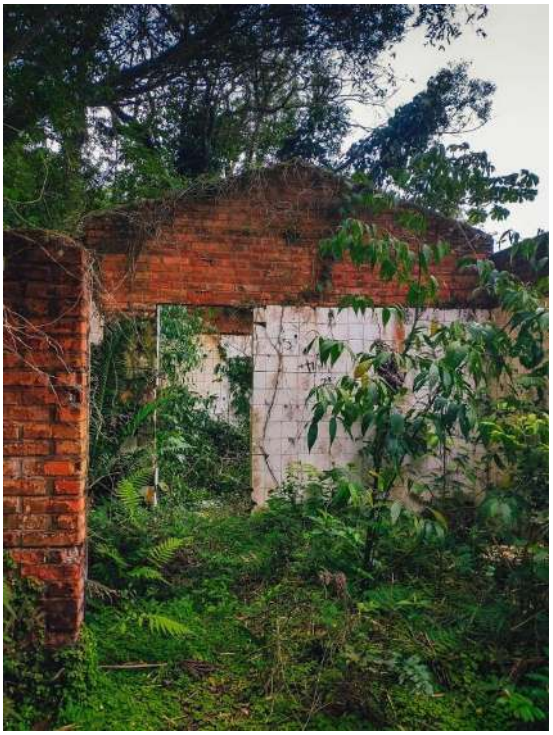
Mais adiante, ao final da trilha e mais próximo à praia, encontrei outra ruína, aparentemente uma construção mais recente. A suposição de “mais recente” deve-se aos materiais utilizados, como restos de tijolos expostos e lajotas visíveis nas paredes (Figuras 8 e 9). Tais vestígios apontam para a continuidade das ocupações no território, revelando a transformação do espaço, onde o passado

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

industrial e as práticas construtivas mais recentes coexistem, marcando a transição entre diferentes períodos históricos e suas respectivas influências exercidas sobre a paisagem.

Figuras 8 e 9 – Trilha da Praia do Cedro





Fonte: Acervo pessoal.

Ao se embrenhar nessa ruína mais recente, percebi que a porta central da construção dava acesso a uma escada pertencente a uma das ruínas antigas, já apresentada (Figura 10). No interior dessas ruínas, também foi possível identificar marcas de *pixações*[2], o que comprova mais uma vez a presença de transeuntes, mesmo sendo uma trilha que não está demarcada.

[2] Manifestações de escritas com estéticas urbanas com traços e desenhos estilizados.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura 10 – Trilha da Praia do Cedro



Fonte: Acervo pessoal.

O que deveria ser o piso da residência, ao que percebi, não era nada mais do que vegetação com pedras, entulhos da própria construção e restos de lixo espalhados pelo interior. Ao olhar para cima, percebi que não havia mais vestígios do teto original da edificação. Decidi, então, seguir em direção à escada de pedras situada na parte externa. Ao subi-la, comecei a notar uma conexão entre as ruínas antigas e as mais recentes, revelando um diálogo entre distintas camadas de história e a transformação do espaço ao longo do tempo.

Algo importante a destacar, além da experiência imersiva no local, ao retornar para casa, observei a falta de informações relevantes sobre a região e a história das ruínas, ao contrário da pesquisa sobre a Trilha dos Naufragados, onde encontrei múltiplas fontes históricas. Isso me fez questionar se havia um certo descaso político, consequentemente patrimonial, em relação ao território de Palhoça, que é um dos municípios periféricos da Região Metropolitana. A falta de registros históricos e a ausência de dados na Internet sobre o local indicam que as ruínas, certamente vestígios de um patrimônio importante para a história, permanecem não identificadas, em grande parte devido à negligência com a memória local e ao

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

desinteresse das políticas públicas em manter viva a história daquele lugar. Nesse sentido, o caminhar revela-se não apenas como potência política e poética, mas também como uma forma metodológica de observar as ruínas, como as que descrevo na Trilha da Praia do Cedro. Ainda como afirma Careri, essa prática funciona:

> [...] como um instrumento estético capaz de descrever e modificar os espaços metropolitanos que muitas vezes apresentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e *preenchida de significados*, antes que projetada e *preenchida de coisas*. Assim, o caminhar revela-se um instrumento que, precisamente pela intrínseca característica de simultânea leitura e escrita do espaço, se presta a escutar e interagir na variabilidade desses espaços, a intervir no seu contínuo devir com uma ação sobre o campo, no *aqui* e agora das transformações, compartilhando desde dentro as mutações daqueles espaços que põem em crise o projeto contemporâneo. (2013, p. 32).

Percebi, por meio dos vestígios de ruínas encontrados, um movimento de retorno à natureza, tendo em vista que os mesmos se encontram parcial ou totalmente integrados à mesma. Vejo essas ruínas localizadas no lugar "*entre*", num espaço e tempo quase suspensos: algo que está em eterna transitoriedade natural, pois carrega consigo a memória da importância que elas tiveram no cotidiano de pessoas que ali viveram, ao que um dia virá a ser. Em outras palavras, um elemento que carrega a noção de (im)permanência e apresenta as marcas do tempo. Tal qual os menires, que resistem à passagem do tempo como elementos emblemáticos da relação entre urbano e natureza, essas ruínas industriais dialogam com o ambiente natural, desafiando fronteiras e convidando à reflexão sobre permanência e transformação.

Esse processo de integração, quase pleno à natureza, vai ao encontro da teoria de John Ruskin, pois, para o autor, a ruína é portadora de uma memória única e, sempre que possível, deve-se assumir suas características e não tentar mascará-las:

> Pois, de fato, a maior glória de um edifício não está em suas pedras, ou em seu ouro. Sua glória está em sua idade, e naquela profunda sensação de ressonância, de vigilância severa, de misteriosa compaixão, não, até mesmo de aprovação ou condenação, que nós sentimos em paredes que há tempos são

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

> banhadas pelas ondas passageiras da humanidade. [Sua glória] Está no seu testemunho duradouro diante dos homens, no seu sereno contraste com o caráter transitório de todas as coisas, na força que – através da passagem das estações e dos tempos, e do declínio e nascimento das dinastias, e da mudança da face da terra, e dos contornos do mar – mantém sua forma esculpida por um tempo insuperável, conecta períodos esquecidos e sucessivos uns aos outros, e constitui em parte a identidade, por concentrar a afinidade, das nações [...] (2008, p. 68).

Nesse sentido, as marcas do tempo, as pátinas naturais, são elementos essenciais para a construção cultural da paisagem que compõe a ruína. Desse modo, entende-se que as ruínas industriais são insubstituíveis, pois cada uma carrega em si uma história com significados singulares; e, para isso, deveriam ser conservadas ao longo dos anos.

Ainda sobre a teoria de Ruskin, o autor era adepto da mínima intervenção restaurativa e, no máximo, poderia se pensar em meios para preservar a ruína, mas compreendo a natureza da degradação, que, mesmo podendo ser lenta e gradual, não deixará de acontecer:

> [...] coloque sentinelas em volta dele como nos portões de uma cidade sitiada; amarre-o com tirantes de ferro onde ele ceder; apoie-se com escoras de madeira onde ele desabar; não se importe com a má aparência dos reforços: é melhor uma muleta do que um membro perdido; e faça-o com ternura, e com reverência, e continuamente, e muitas gerações ainda nascerão e desaparecerão sob sua sombra. Seu dia fatal por fim chegará; mas que chegue declarada e abertamente, e que nenhum substituto desonroso e falso prive o monumento das honras fúnebres da memória. (2008, p. 82).

Esse discurso romantizado de Ruskin encontra eco em minha própria experiência ao me deparar com os vestígios em meio à natureza. Isso desperta em mim curiosidade acerca das histórias e transformações das ruínas ao longo do tempo. De maneira poética, sinto a necessidade de criar narrativas e levantar questionamentos sobre esses elementos, buscando compreender suas origens e os processos de mudança que os afetaram, tanto no plano material quanto simbólico.

Ruskin (2008) também sugere que a preservação da ruína deve se concentrar na manutenção de sua integridade, respeitando sua degradação

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

natural. Tal abordagem alinha-se com a importância de reconhecer a ruína industrial como patrimônio que deve ser conservado em seu estado original, sem tentativas de mascarar suas marcas temporais. Ao mesmo tempo, creio que a ruína está em processo de constante transformação, apropriando-se dos usos subsequentes do seu espaço, seja pela passagem de caminhantes, seja por pequenas intervenções como habitação provisória de diversos seres viventes, ou até mesmo intervenções mais diretas como o *pixo* e outros usos não previstos.

Dessa forma, entende-se que Ruskin era contra a substituição dos materiais originais pela restauração. Para ele, o sentimento romântico que envolve a estrutura da ruína reside justamente em suas marcas do tempo (as pátinas naturais e vegetações que se entrelaçam com as ranhuras, lacunas e degradações), elementos que estão em constante transformação. Essas características representam os sinais da "idade" da edificação, refletindo as transformações pelas quais ela passou ao longo dos tempos, como pode ser observado nas ruínas da Trilha da Praia do Cedro, onde a integração da natureza e as marcas do tempo evidenciam essa contínua transformação.

Entendo, assim, as ruínas como uma metáfora para o ciclo da vida, que envolve nascimento e morte. Inicialmente, essas edificações foram construídas com um propósito específico; porém, no decorrer do tempo, por uma ação de esquecimento ou abandono, suas formas originais foram se modificando e se integrando cada vez mais à natureza. As fronteiras que antes delimitavam onde começava e terminava a edificação vão sendo, aos poucos, consumidas. Com o crescimento e desenvolvimento natural das vegetações e microrganismos, a comunicação entre o espaço interno e o externo vai se diluindo até que, em muitos lugares, tornou-se praticamente imperceptível a linha que separa a ruína da natureza.

Considerações transitórias

Considerando-se que as ruínas habitam um estado "*entre*", isto é, de transição, tal como é a própria experiência do caminhar, encerro minha saída de campo como a simulação de uma pausa de um grande deslocamento. Nesse caso,

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

denomino esta conclusão de “considerações transitórias”, uma vez que esse momento foi interpretado apenas como uma parada dessa caminhada, para a fruição de uma experiência, tendo consciência de que, daqui a um tempo, o deslocamento continuará, entendendo que a experiência irá se transfigurar, ganhando novos sentidos. E, por isso, penso que essa experiência, ora relatada, passou a habitar também o “*meio*”. Ao longo desse percurso, as ruínas revelam-se não apenas como vestígios do passado, mas como marcos de resistência, questionando a velocidade do presente e as práticas de preservação, ou mesmo a falta delas, em relação ao patrimônio cultural, ao mesmo tempo em que apontam para um futuro onde novas formas de relação e valorização possam emergir.

A partir de uma prática poética e pessoal, reivindico aqui a caminhada como uma ferramenta de construção simbólica, metodológica, artística e de preservação. Desde os primórdios até a contemporaneidade, essa experiência é capaz de modificar a paisagem, assumindo-a como um ato político, de resistência. A caminhada nesses espaços, junto às reflexões teóricas e históricas, proporcionou-me uma experiência que é, ao mesmo tempo, de contemplação e reflexão crítica sobre as ruínas, outrora de usos industriais, hoje envoltas à natureza.

A experiência também trouxe à tona uma grande disparidade de acesso às informações históricas entre ambas as trilhas. Percebe-se nitidamente entre as cidades de Florianópolis e de Palhoça, a qual também compõe a Região Metropolitana, uma grande disparidade acerca da preservação de trilhas e ruínas, possivelmente devido à má distribuição de políticas públicas para o setor cultural.

Como já foi mencionado, parte da minha pesquisa é oriunda do encontro de conceitos e ideias que habitam lugares extremos, ou mesmo opostos. Nesse sentido, fiz uma reflexão a respeito da primeira trilha, onde há ruínas totalmente integradas à natureza, em que o olhar do caminhante deve se mostrar mais lento e atento para encontrá-las; e, além disso, investigando sobre a história do território e da trilha, encontram-se facilmente dados a tal respeito. Já com relação à segunda trilha, as ruínas estão presentes em meio natural, mas a maioria encontra-se exposta à visão dos transeuntes, mesmo distantes. Por outro lado, não há registros na Internet sobre o local, ocasionando o apagamento da história daquelas construções e da comunidade local, bem como da própria cidade.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

E, por fim, na tentativa de aproximação poética entre os conceitos de menires e ruínas presentes na contemporaneidade, percebi um fio condutor que permeia ambos os acontecimentos, de que só me foi possível criar e identificar a partir da prática do caminhar, tanto na ideia de passagem do natural como para o artificial da construção civilizatória, ou como um dispositivo criativo lúdico para a elaboração de narrativas entre o passado e o presente. A observação das ruínas industriais não só despertou curiosidade sobre a história delas, mas também ampliou a percepção de que a preservação desses vestígios torna-se essencial para a construção de uma memória coletiva que reconheça as múltiplas camadas temporais e os significados presentes nesses territórios.

Referências:

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. Trad. Frederico Bonaldo. São Paulo: G. Gili, 2013.

FLORIPA ARQUEOLÓGICA. **Históricos**. Disponível em: https://floripaarqueologica.com.br/sitios-arqueologicos-em-floripa/historicos/. Acesso em: 18 out. 2024.

GUIA FLORIPA. **Trilha Naufragados**. Disponível em: https://guiafloripa.com.br/turismo/trilhas-florianopolis/trilha-naufragados. Acesso em: 06 set. 2024.

LUZ, Leandra da. Engenho de farinha artesanal: como funciona e qual sua importância em Santa Catarina. **Agro – Saúde e Cooperação**, 28 jan. 2024. Disponível em: https://ndmais.com.br/agronegocios/engenho-de-farinha-artesanal-funciona/#:~:text=O%20historiador%20Rodrigo%20Rosa%2C%20da,na%20Ilha%20de%20Santa%20Catarina. Acesso em: 02 dez. 2024.

RUSKIN, John. **A lâmpada da memória**. Trad. Maria Lúcia Bressan Pinheiro. Cotia, SP: Ateliê, 2008.

VIDA NA MALA. Praia dos Naufragados em Florianópolis – Trilha, como chegar e dicas. *Vida na Mala*, 12 mar. 2023. Disponível em: https://vidanamala.com.br/destinos/america-do-sul/praia-naufragados-florianopolis/. Acesso em: 24 dez. 2024.

Recebido em: 21/02/2025.
Aceito em: 24/06/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Shayda Cazaubon Peres
Shayda Cazaubon Peres, Doutoranda em Processos Artísticos Contemporâneos e Mestra em Ensino das Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com período de mobilidade acadêmica na Universidade de Aveiro (UA), Portugal. Técnica em Comunicação Visual pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul). CV: http://lattes.cnpq.br/1277533821067633.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4681-8644
E-mail: shay.cazaubon@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

REVISTA DA FUNDARTE